

REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — **JÓAQUIM CÁRDOSO**  
Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegraphico: Talhadas — Lisboa — Telefone 7  
Officinas de impressão — Rua de Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Para a frente!

É flagrantemente criminosa a inação que se está manifestando no caso da exploração da mina de Santa Suzana. Já o dissemos e não nos cansamos de continuar a afirmá-lo; enquanto aqueles que têm o dever de intervir na resolução do assunto não se dispuseram a tomar a atitude que mais convém aos interesses do país, a mina não será explorada.

Neste caso os interesses do país e os interesses do povo, pois que a exploração da referida mina pelo Estado deveria concorrer para beneficiar a situação, cheia de dificuldades de toda a espécie, que temos vindo atravessando, e que, não resta a menor dúvida, se agravará cada vez mais, visto que coisa alguma de sério e honesto se tem tentado seguir da parte dos dirigentes para aliar o progresso e o alastramento do mal.

Trouxe a guerra os maiores obstáculos à importação de carvão e, ante o perigo iminente de ter de suspender a indústria e o serviço de transportes, os governantes e os capitalistas, elementos burgueses para os quais os interesses gerais da população devem sempre sacrificar-se ao seu egoísmo pessoal e de classe, não tomaram, por esse facto, as mais acertadas medidas para encontrar no país o carvão que nos faltava.

Ineptos para tudo que represente um trabalho útil e inteligente, preguiçosos por condição, incapazes de rasgar as iniciativas, não trataram de desenvolver a exploração das minas de carvão já conhecidas e de pesquisar e existência de outras.

O seu espírito tacaño, que só evoluiu em volta do «venha a nós», atirou-se ao rudimentar corte das árvores, «mina» que não imputa a necessidade de grandes preocupações nem o emprego de engenheiros e de pessoal já experimentados, e que, tarde ou cedo, poderia opor-se à exploração que os vitima, pois a única coisa para que a burguesia tem verdadeira vocação é para viver à custa do trabalho dos que produzem.

Assim, de norte a sul do país, é formidável a devastação praticada nos arvoredos; tem sido verdadeiramente vandálica a destruição realizada pelo corte das árvores, e o resultado dessa estúpida acção não de fazer-se sentir a seu tempo, tornando esta terra ainda mais miserável, cada vez mais dependente dos outros países.

Mas isso pouco importa à burguesia. O negócio das lenhas tem constituído uma mina de fabulosos lucros para uma vasta quadrilha de bandidos, que, zombando dos vitais interesses da população, se mostra disposta a não deixar nem o seu arvore de pé, porque a sua criminosa indústria dá resultados imediatos, não empatando capitais por largos tempos nem dando grandes ralacões.

Porque a uns convém o negócio das lenhas e a outros a importação do carvão, e porque, naturalmente, ainda outros pretendem apossar-se da mina de Santa Suzana, para exercerem a sua ignóbil exploração contra os interesses nacionais, até hoje nada de prático se resolveu, continuando tudo entregue às práticas burocráticas, engrenagem empenhada e nociva que só se move quando

## NOTAS & COMENTÁRIOS

**A mina...** Uma nota oficiosa da secretaria do comércio diz que as notícias publicadas na imprensa acerca da mina de carvão, em Santa Suzana, não têm carácter officioso. Parece que efectivamente o não-tem, e é por isso mesmo que correspondem à verdade. A tal verdade consisti nisto: descobriu-se nas proximidades de Alcácer do Sal uma riqueza imensa que, de uma vez, e honestamente aproveitada, poderia modificar profundamente as condições económicas da nação. Os abutres da especulação atraíram o olho do boio convidativo. E a riqueza descoberta, de que toda a gente poderia beneficiar, está em riscos de ir para aos papos dos vorazes. É esta a verdade revelada naquelas notas cuja autoria o ministério do comércio seapressou a engeitar. Puderam não...

**O imposto sobre...** Uma delegação da associação de classe dos proprietários de hotéis e restaurantes de Lisboa, procurou ontem o ministro das finanças para reclamar contra as multas que nos últimos dias tem sido aplicadas aos donos daqueles estabelecimentos pelo facto de não terem tirado as cadernetas ou avenças para pagamento do selo da assistência.

O sr. Inocêncio Camacho, por intermédio do seu secretário particular, fez saber à comissão que o procurou seria conveniente que os proprietários de hotéis e restaurantes se avançassem até definitiva resolução do assunto.

Do que em definitivo ficará assente pouco podemos dizer, seguro sendo porém que sobre as costas do consumidor recairá o peso inteiro do odioso imposto aplicado a quem se dá ao supérfluo luxo de comer...

**Na Mesopotâmia**  
Uma coluna inglesa batida  
LONDRES, 4. — O ministro da guerra comunica que uma forte coluna inglesa foi atacada na Mesopotâmia por diferentes tribus. Ante a superioridade numérica do inimigo, as tropas britânicas viram-se obrigadas a bater em retirada, tendo conseguido chegar a Hilla.

As perdas britânicas elevam-se a 300 feridos, entre eles alguns em estado gravíssimo. Perdemos igualmente uma peça de campanha e 12 metralhadoras. — Rádio.

**Delito de imprensa**  
Respondem segunda-feira, em Évora, três operários  
EVORA, 1. — C. — Por delicto de imprensa, devem responder, em audiência de júri, no próximo dia 9, os camaradas Joaquim Noqueira, João Alcena e António Tomás. O processo é-lhes movido pela antiga gerência do extinto jornal municipal de boa memória, que se julga agravada pelo enérgico e bem elaborado Manifesto ao Público, editado há cerca de um ano, pela U. S. O., quando dos tumultos por causa do agravamento do preço do pão. O defensor dos nossos camaradas é o nosso amigo dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da C. G. T.

**Os retalhistas**  
Os vendedores de viveres a retalho distribuíram agora um manifesto ao público.  
Lamentam-se, lamentam-se muito. Dizem não ter culpa da carestia e tornam responsáveis o governo, os grandes armazéns, etc., etc..

Pretendem, por meio desse manifesto, que o povo tenha dó deles — colta-dos! — porque «são os que menos lucros tem feito».

Nós devíamos rir do manifesto, em vez de criticá-lo. Toda a gente sabe que os retalhistas só não assambarcam o que não podem. Encontrar um que o não faça é encontrar uma agulha em palheiro.

Lamentam-se agora, porque? Porque não podem assambarcar com tanta facilidade.

Quando os outros, aos grandes comerciantes e armazéns, são realmente os mais prejudicados, porque são os maiores. Mas tanto crime é assambarcar 10 como assambarcar 1.000.

**Reclamações corporativas**  
Litógrafos e anexos  
Reinú anteontem, com grande concorrência, em assembleia geral, a classe litográfica, a fim de se definir o caminho a seguir em face das resoluções tomadas entre a direcção e o pessoal das três oficinas que pediram aumento de salário, tendo os industriais oferecido um aumento irrisório e levando estes o caso para o campo colectivo, quando ele era única e simplesmente pessoal. Fazendo vários oradores, entre eles os camaradas Artur Silva, Manuel da Luz e Adelino Ferreira, sobre a forma mais prática em resolver o conflito, travou-se grande discussão entre os assistentes.

Volta a falar Artur Silva que, numa breve explicação, tende a acalmar os espiritos, apresentando por fim a seguinte proposta, que foi aprovada por unanimidade: «Em face do pedido feito pelo pessoal de várias oficinas aos seus patrões não corresponder ao que o mesmo pessoal deseja, proponho para que esse pessoal abandone essas reclamações isoladas e imediatamente a classe nomeie uma comissão para elaborar uma tabela de aumento de salários, e depois de aprovada em assembleia geral se envie aos srs. industriais». Em seguida foi também aprovada uma cópia semanal de resistência para fazer face às despesas necessárias, assim como conservar-se a comissão, por aumento de salário, em sessão permanente.

## GRANDES "PATRIOTAS", OS BANQUEIROS...

## A INEPCIA DOS GOVERNOS

Favorecendo as manobras sinistras do "consortium" bancário

Um país que não possui uma produção agrícola que lhe baste, nem indústria, nem minérios que exporte; um país cujo abastecimento depende quasi totalmente do que os outros lhe enviam, vê-se necessariamente obrigado a pagar a preço de ouro, ou o seu equivalente, tudo quanto necessita. Um país cuja importação atinge maior soma do que a exportação, é um país paupérrimo. Ora, Portugal é um país excessivamente importador. A importação tornou-se quasi mania. Importa-se o necessário e o supérfluo, o trigo e as botas, a pomsa da para dentes e para o calçado, os cigarros e as ideias, tudo vem do estrangeiro.

Assim, os detentores do vil metal, em vez de criar e fortalecer a indústria nacional, visto que somos ricos em matérias primas, empregam todos os capitais em especulações ignóbeis e na aquisição de artigos estrangeiros, que nos custam os olhos da cara, devido à subida constante dos câmbios e ao roubo descarado dos intermediários.

Cada vez se produzem menos e, consequentemente, cada vez a importação é maior. Como não temos ouro — porque o ouro para nós não passa duma palavra — apenas uma intensa exportação de produtos poderia acreditar, à custa da qual se iriam buscar ao estrangeiro as receitas da nossa exportação, e com elas se pagaria a despesa da importação. Mas, nas actuais condições que temos de exportar para pagamento daquela importação?

Poucos são, pois os produtos que podemos exportar. Temos apenas o vinho, as conservas, o cacau e o café. Enfim, verdadeiras ninharias, se as colocarmos junto da avalanche de produtos importados. Portanto, insuficiente é a exportação para fazer os pagamentos.

Dai, dividas sobre dividas ao estrangeiro, daí o ouro a sair-nos cada vez mais caro, isto é, os câmbios a elevarem-se fabulosamente, e o aparecimento de inúmeros parasitas, que jogam com esses câmbios de maneira a enriquecerem ainda mais. O comerciante que importou produtos tem que fazer face não só a um câmbio altíssimo, que é motivado pela pobreza natural do país, como também ao lucro considerável que as casas bancárias realizam sobre esses câmbios, especulando com a situação gravíssima da nação.

E' esta a acção patriótica do banqueiro...

Mas o comerciante, como importador, que foi roubado pela casa bancária ao pagar os câmbios altos já de si, tira por sua vez a desforra, à guisa do banqueiro, reservando também uma percentagem que vai além do lucro que o negócio lhe poderia render. Nesta altura surge uma infinidade de milicianos, que tratam de assambarcar o artigo e vão-o vendendo entre si, tirando cada um deles lucros enormes. Finalmente, quando o género chega à mão do consumidor, já passou por centenas de mãos, que dele tiraram centenas de lucros.

As enormes importações arruinam, evidentemente, o país, porque não tem ouro, nem equivalente para exportar, falhando-lhe, portanto, os meios para neutralizar a acção depauperante da importação.

Um dos governos, a certa altura, quiz tomar uma medida tendente a equilibrar a exportação com a importação. Que era necessário fazer?

Impulsional, desenvolveu as indústrias? Estabelecer o comércio livre? Dificultar a importação?

Optou o governo pela última medida, que revela a maior incompetência e a maior ineptia que podem conceber-se: dificultar, por meio dum decreto, a importação de produtos e a aquisição de fundos estrangeiros. Assim, actualmente, só se pode comprar dinheiro estrangeiro com uma autorização especial.

Depois de tomar esta grande medida, o governo descausou, deixou-se dormir profundamente sobre a sua sabedoria, sobre a sua esperteza e habilidade. Realmente tinha razão: o ouro já não saía de Portugal.

Mas porque não saía o ouro? Por o governo ter inventado um decreto? Nada disso. O ouro não saía — porque o país o não possui.

Se não temos ouro, para que serve o extravagante decreto? Para nada — dirá o povo. Nós, porém, objectamos que ainda tem esta serventia: agrava a situação. Senão, vejamos.

Tomemos para exemplo um dos artigos cuja entrada é proibida por decreto — couros e solas. Logicamente este artigo começou a rarear. A procura tornou-se maior do que a oferta e o artigo encareceu. Se a data do decreto um par de botas custava 20 a 25 escudos, agora custa 40. O que acontece com este artigo acontece com quasi todos os outros que eram importados. Quem ganhou pois com o decreto? O país? Não. O comerciante.

Porém, a alta finança, o Consortium bancário, algum lucro devia tirar do decreto. Conseguiu-o da maneira mais fácil que se pode imaginar: deixou de vender fundos estrangeiros. Se algum se lhe dirige para compra-lhos, recusa-se a vendê-los, bascando-se no decreto, que não lhe permite a sua venda, sem autorização especial. Mas como o mesmo decreto dá liberdade aos banqueiros de comprarem todos os fundos estrangeiros que apareçam, tratam de assambarcá-los. Vão garantindo, vão assegurando, pouco a pouco, os seus capitais. Se num dado momento nos sur-

## AS GREVES

Pessoal dos eléctricos  
Convite aos fabricantes de calçado de Lisboa

Continua sem solução a greve dos empregados da Companhia Carris de Ferro, que pretendia fazer recair sobre o seu pessoal o rancor de que está possuída devido à atitude da Câmara Municipal, que agora se mostra cheia dum zelo extraordinário para com os interesses dos portadores dos passes, que não teve quando se tratou do aumento das tarifas extraordinárias.

Ontem nada foi tentado da parte da Companhia, da Câmara e do governo para solucionar o conflito, que se encontra no mesmo pé.

O pessoal reuniu na sede do seu sindicato, tendo sido enorme a concorrência de grevistas.

Fizeram uso da palavra diversos camaradas, sendo todos unânimes em que a classe se deve manter unida para que a vitória seja em breve um facto.

A classe mostra-se disposta a não abdicar das regalias que lhe foram concedidas, devendo os dias de greve ser pagos, não retomando por isso o trabalho, dure a greve o tempo que durar.

Foram lidas algumas cartas e bilhetes de assinantes em que estes dão razão aos grevistas e declaram concordar com o preço estipulado pela Companhia para os passes.

Foi aprovada uma proposta no sentido de convidar os empregados do escritório para que abandonem o trabalho e se coloquem ao lado dos grevistas, assim como os bilheteiros e alguns encarregados que se encontram ainda ao serviço da Companhia.

Foi ratificada a aprovação da moção que tinha sido aprovada na sessão de anteontem, e na qual o pessoal se declarava disposto a não consentir num novo aumento de tarifas para o público. Se esse aumento se fizer durante a greve, não retomará o trabalho; se se estabelecer depois da greve solucionada, abandonará os carros nas ruas, logo que disso tenha conhecimento.

Se forem exercidas violências para por os carros na rua, os condutores não cobrarão bilhetes, e se forem presos alguns camaradas que fazem parte da comissão ou do comité, a classe ordenamente irá entregar-se a prisão.

Foi ainda aprovado um voto de louvor a alguns expedientes que já ontem tiveram a hombridade de abandonar as estações centrais.

Foi lido um comunicado do comité em que declara que alguém em evidência pretende solucionar o conflito, não havendo razão para receios porque a vitória se avizinha, salda a classe pela forma solidária que tem mostrado, termina por declarar que está a postos, pronto a actuar na primeira ocasião que o reconheça ser necessário.

A sessão foi encerrada com calorosas vivas à greve, à C. G. T., U. S. O., e à organização operária em geral.

Hoje reúne o pessoal às 15 horas.

**Aos portadores de passes**  
A Associação dos Empregados da Carris de Ferro, pede-nos para que publiquemos o seguinte aviso aos portadores de passes:

Esta classe previne os srs. portadores de passes de que devem enviar as suas declarações em que concordam com o aumento dos mesmos, para a Companhia ou para a imprensa ou para onde melhor entenderem, porque as que enviarem para este sindicato, não terão seguimento pois que não tratamos desta questão, mas só de interesses colectivos.

**Pessoal da Casa da Moeda**  
Do comité da greve recebemos a seguinte nota:

A atitude nobre e altiva que o pessoal deste estabelecimento tem mantido durante os 26 dias de greve, é suficiente para se impor à consideração daquelas que trabalham, assim como à das entidades a quem compete resolver este conflito, que deviam estudá-lo, vendo de que lado está a razão e não se deixando ludibriar por cavalheiros como o administrador da Casa da Moeda, que tem usado de todos os trucs, chegando a sua audácia a dizer ao ministro das Finanças, que se o caso ainda não estava resolvido, era porque o pessoal grevista ainda o não tinha procurado, o que é menos verdade, pois a comissão do pessoal da Casa da Moeda, já por quatro ou cinco vezes tem procurado esse senhor, recebendo sempre como resposta, que nada podia fazer sem que o ministro das Finanças ou o presidente do ministério a isso o convidasse.

O comité convida o pessoal a que se mantenha sempre unido, e ao mesmo tempo notifica-lhe que tendo o mesmo facto com o sr. ministro das finanças, conseguiu desmascarar o jogo infame do administrador, prometendo o ministro à comissão que o ia chamar para que ele resolvesse o assunto com a maior brevidade, pois que o caso da Imprensa Nacional já está resolvido com honra para ambas as partes.

**Novas diligências**  
Uma comissão do pessoal grevista da Casa da Moeda solicitou ontem a interferência do presidente do ministério no sentido de serem satisfeitas as suas reclamações. Foi atendida pelo chefe do gabinete que disse que o dr. António Granjo recomendaria o assunto ao ministro das finanças a quem a comissão procurou em seguida.

**NO PORTO**  
A dos fabricantes de calçado  
Continua ainda o movimento dos fabricantes de calçado do Porto, por ainda não terem sido atendidas as reclamações formuladas pela classe.

Aquelas camaradas mantêm-se firmes, com o propósito de não retomarem o trabalho sem verem satisfeita a sua reclamação de aumento de salário.

**Convite aos fabricantes de calçado de Lisboa**  
A Associação de Classe dos Fabricantes de Calçado de Lisboa convida todos os operários da indústria, de ambos os sexos, sócios e não sócios, a reunir hoje, pelas 20 e meia horas, na sede do sindicato, rua do Arco do Marquês de Alegrete, 30, 2.º, para tomar conhecimento do movimento encetado pelas camaradas do Porto, aproveitando assim a estada em Lisboa de dois delegados do norte.

Que todos os camaradas assistam para se inteirarem dos planos dos industriais.

**NA POVOA DE VARZIM E EM VILA DO CONDE**  
A dos alfaiates  
POVOA DE VARZIM, 3. — C. — Declarou-se há dias a greve dos alfaiates nesta vila e em Vila do Conde, em virtude dos industriais não atenderem as reclamações apresentadas pelos respectivos sindicatos.

A de Vila do Conde já foi solucionada com satisfação completa, ficando os alfaiates com o seguinte salário: oficial de obra de mangas 2580 e 3500; obra meada, 1580 e 1540; aprendizes com prática, 550.

Na Póvoa encontra-se a greve no mesmo pé, visto o conselho técnico e de melhoramentos do sindicato não ter conferenciado com os industriais, em face das resoluções da classe.

Os industriais reuniram ontem para apreciar as reclamações do pessoal, resolvendo aumentar a insignificância, mas a classe, reunida em assembleia magna, deliberou não retomar o trabalho sem a satisfação completa das reclamações formuladas pelo sindicato, visto já serem feitas de forma a não poder terminar.

**EM GUIMARÃES**  
O pessoal da câmara suspende o trabalho  
GUIMARÃES, 4. — C. — Declarou-se hoje em greve o pessoal da câmara municipal, por não ser atendido na sua reclamação de aumento de salário.

Os impostos terem subido exorbitantemente e os empregados continuarem a ganhar o mesmo, o que é escandaloso.

**EM BEJA**  
Operários gráficos  
Da Liga das Artes Gráficas desta cidade recebemos a seguinte nota:

Os industriais de tipografia desta cidade lançaram não um desagrado ao pessoal, chamado Francisco Chicharro, que em tempos foi preso como vadio e que aproveitou a ocasião de atacar o nosso justo movimento, tocou e acompanhado pelo conhecido e famigerado sábio Manuel António Engano, traidor da ideia socialista, que em tempos não rametos escrevia, no jornal O Facho, órgão do socialismo desta cidade, artigos em que combatia o patronato e que hoje está ao lado desta contra o proletariado.

Este figurou há dias foi ao comissariado da polícia dar parte de nós, grevistas, que nos encontramos neste movimento com toda a razão e justiça, e numa nota destas reportou com uma declaração de 15 anos, que tomam parte no nosso movimento, perguntando-lhe se pensavam alguma coisa da sua pessoa, pelo simples motivo de se sentirem a mesma direcção.

Tudo o povo de Beja está ao nosso lado porque vê que a razão nos assiste, mandando já alguns comerciantes fazer trabalhos para a cidade, pelo motivo dos industriais não poderem manufacturar e indigando pelo procedimento que eles tem lido para com os seus operários, pois que estes estavam autuando os meios de subsistência de 400, 600, 800 e 1200, havendo um único com 200 na «Minerva Comercial».

**EM BRAGA**  
Metralhadoras nas ruas por causa da greve dos fabricantes de calçado  
BRAGA, 4. — C. — Declararam-se em greve os operários fabricantes de calçado, reclamando aumento de salário. Apesar da greve ser ordeira, deu origem a várias peripécias. Já se vêem nas ruas metralhadoras em camions de guarda republicana, a polícia de espionagem e os quartéis de prevenção.

Tudo este aspecto bélico é por causa duma simples greve, como se se tratasse duma revolução. Que medo, senhores!

**A guerra vermelha**  
Os plenipotenciários polacos voltaram a Varsóvia, porque não tinham poderes para tratar da paz  
PARIS, 4. — As negociações plenipotenciárias do governo polaco a as do governo dos soviéticos russos foram interrompidas logo a abertura. Os delegados bolchevistas exigiam que as conversações versassem sobre o assunto da paz. Os delegados polacos eram limitados a discussões das condições do armistício e estes partiram para Varsóvia a fim de se comunicarem com o seu governo.

Tal e pelo menos, a situação que dá a conhecer um radiograma russo. A versão polaca destes incidentes ainda não é conhecida.

As hostilidades continuam, — refere o Temps. O primeiro exército polaco (norte) e o quarto (centro) juntam-se perante o avanço dos séculos vermelhos, e se preparam para entrar em Brest-Litovsk, a contra-offensiva desencadeada pelo exército polaco do sul na região de Brody não deu os resultados esperados. — Rádio.

**A atitude de Lloyd George**  
PARIS, 4. — Até agora o sr. Lloyd George recusa receber Kamenef-Krassine que, estando em Londres enquanto o armistício entre a polónia e a Rússia não for assinado. — Rádio.

**França & Turquia**  
PARIS, 5. — O tratado de paz com a Turquia que devia ser assinado na sexta-feira, em Sevres não o será se não sábado. — Rádio.



BOA \_\_\_\_\_